

05-07-2010

Revisitar o passado através do digital

Cinema. Cineasta da vanguarda americana, Ken Jacobs está no Curtas Vila do Conde com retrospectiva da sua obra

JOÃO LOPES

A 18.ª edição do Curtas Vila do Conde arrancou sob o signo infantil. A secção Curtinhas abriu com a projecção de dois filmes mudos de Buster Keaton, acompanhados pelas crianças da Academia de Música S. Pio X. Mais de duas dezenas de executantes, utilizando instrumentos musicais, computadores e muitos objectos "ruidosos", criaram a ambiência sonora para o burlesco de Keaton. Foram, além do mais, momentos que serviram para afirmar um princípio básico do certame: o de cruzar as memórias cinéfilas com o presente, favorecendo todas as formas de pesquisa, experimentação e celebração colectiva.

O mesmo se poderá dizer, aliás, da presença da obra de Ken Jacobs em Vila do Conde (e do próprio cineasta, acompanhado por sua mulher e colaboradora Flo Jacobs). Nascido em Nova Iorque, em 1933, Jacobs pertence a uma vanguarda que se afirmou ao longo das décadas de 1950/60, mantendo uma relação aberta com as convulsões da pintura: Hans Hoffman (1880-1966), personagem nuclear da abstracção expressionista, foi um dos seus mestres. Jacobs tem mantido uma atitude criativa em que a atenção crítica às convulsões do capitalismo é inseparável de uma integração siste-



Ken Jacobs (na sua mesa de trabalho) tem mantido um trabalho sistemático com o digital: ao lado, a sua curta 'What Happened on 23rd Street in 1910' manipula as imagens de um minuto rodado por Edwin S. Porter há mais de um século

mática e, por assim dizer, festiva das novas tecnologias. Para além dos filmes de Jacobs a exhibir, e de uma *masterclass* (amanhã, 15.00), a Galeria Solar de Vila do Conde apresenta a exposição "Action Cinema" (patente até 12 de Setembro), elaborada a partir de 11 curtas-metragens digitais produzidas nos últimos quatro anos.

Alguns trabalhos de Jacobs exploram a chamada *found footage*, quer dizer, imagens das mais di-

versas origens que são remontadas e mais ou menos manipuladas (reenquadramento, câmara lenta, etc.) para dar origem a novas narrativas. Por exemplo, *What Happened on 23rd Street in 1910* é uma curta de 14 minutos que nasce de um filme de um minuto rodado há mais de um século (*What Happened on 23rd Street*, realizado por Edwin S. Porter em 1901). O humor do original (um casal passa junto a uma grelha de ventilação

que levanta o vestido da mulher) surge reconvertido numa espécie de ritual abstracto que celebra o cinema como instrumento clínico e lúdico de percepção do mundo à nossa volta, aproximando-o da noção de "instalação", tradicionalmente mais ligada ao domínio das artes plásticas.

Ainda exemplo de cruzamentos vários, neste caso entre a ficção e algumas componentes documentais (sobre a região dos Pirenéus),

é a obra dos irmãos franceses Arnaud e Jean-Marie Larrieu, também presentes em Vila do Conde para acompanhar uma retrospectiva da sua obra. Foi com um dos seus filmes, *Un Homme, un Vrai* (2003), que se realizou a abertura oficial do festival, reforçando a certeza de que algumas vertentes contemporâneas do melodrama são inseparáveis da recuperação de modelos ligados à tradição do filme musical.

Rever o cinema a 3D das décadas de 50, 60 e 70

TECNOLOGIA Apostando em diversificar a relação com a evolução tecnológica do cinema (e também propondo um número significativo de longas-metragens), o Curtas 2010 apresenta uma miniretrospectiva de filmes a três dimensões, de algum modo pioneiros da vaga 3D dos nossos dias.

Assim, será possível ver dois filmes marcantes da década de 50: *House of Wax* (1953), de André de Toth, e *Dial M for Murder* (1954), de Alfred Hitchcock. Haverá ainda dois títulos das épocas em que se assistiu à recuperação "revivalista" do 3D: *The Bubble* (1966), de Arch Oboler, e *Flesh for Frankenstein* (1973), de Paul Morrissey e Antonio Margheriti. As sessões realizam-se sempre às 23.45, de terça a sexta, com os filmes a passarem pela ordem citada. Em particular, o filme de Hitchcock (com Grace Kelly) constitui uma raridade, já que a maioria dos espectadores apenas o conhece na versão "normal" ou, então, através da sua edição em DVD.J.L.

OPINIÃO

'Rock'n'roll'... e a tua mãe também



JOÃO LOPES
Crítico

» Já premiada em Vila do Conde com *Love You More* (2008), a inglesa Sam Taylor-Wood é uma das autoras que integra a secção Da Curta à Longa, com a sua primeira longa-metragem, *Nowhere Boy*, sobre a adolescência de John Lennon em Liverpool (em antestreia: o filme terá o título português *Para Além da Música*). Estamos perante um caso exemplar de "filme-biográfico", alheio à lógica televisiva de muitas variantes do género; e se é verdade que está em jogo o processo de formação dos Beatles até à partida, em 1960, para Hamburgo, não é menos verdade que o filme con-

torna a facilidade determinista de um retrato que se reduza à confirmação de um destino (ironicamente, nem sequer é pronunciada a palavra "Beatles"). Interpretado por Aaron Johnson, John Lennon surge-nos menos como um músico "natural" e mais como alguém cuja identidade, magoada, contraditória e... musical, nasce de um confronto radical com a mãe (Anne Marie-Duff) e o misto de abandono e entrega que enquadra a sua relação com ela. A mãe e a tia (Kristin Scott Thomas) que educou Lennon definem mesmo uma paisagem feminina sem a qual não é possível compreender a energia fundadora do *rock'n'roll*. Dir-se-ia que a tese, insólita e fascinante, sofisticada e comovente, de Sam Taylor-Wood é esta: a revolução da música popular nos anos 50/60 nasce da transgressão temática e formal, mas também de uma reconversão simbólica dos laços maternos.